

ESTUDO DA PERCEPÇÃO DA FUNÇÃO DO ORIENTADOR PEDAGÓGICO NUM GRUPO DE PROFESSORES DE UMA ESCOLA SECUNDÁRIA

NARA MARIA GUAZZELLI BERNARDES
GUIOMAR NAMO DE MELLO

I — Objetivo

O especialista ou técnico em educação — Orientador Pedagógico (OP) ou Assistente Pedagógico (AP), Orientador Educacional (OE), Psicólogo escolar — depende essencialmente dos professores para desenvolver seu trabalho na escola. Sendo elemento de integração da atividade escolar, precisa conjugar esforços em direção aos objetivos amplos do currículo. É também um elemento inovador pois o professor, em geral, está tradicionalmente habituado a um sistema de trabalho onde sua área ou matéria constitui um setor isolado dentro da escola.

As experiências de renovação educacional, tanto em escolas particulares quanto em estabelecimentos oficiais, mostram a importância de haver uma consistência na forma como professores e técnicos percebem suas respectivas funções. Muitos dos problemas que costumam ocorrer nas equipes compostas de elementos docentes e técnicos, advêm justamente dessa dissonância de percepção que dá origem a expectativas diferentes quando não, opostas.

O presente trabalho teve como objetivo investigar as possibilidades de utilização da Metodologia Q para estudar como o professor visualiza a função do Orientador ou Assistente Pedagógico.

II — Procedimento

A PF — AP, instrumento utilizado nesta investigação, foi construída segundo os princípios da Metodologia Q, nos moldes descritos no trabalho anteriormente apresentado.

Este instrumento foi aplicado a um grupo de 13 professores de uma escola particular da capital, que lecionam nas 5.^a e 6.^a séries. Eram professores jovens, de ambos os sexos, com formação universitária. Tinham, em média, 5 anos de experiência no magistério e sempre exerceram atividades em escolas que possuíam um ou mais técnicos (em geral, OP e OE). Nesta escola, trabalhavam dois OE e um OP.

III — Tratamento dos dados

Foram calculadas as correlações entre as classificações feitas pelos sujeitos, cada um deles considerado como uma variável.

Feita a análise fatorial foram selecionados três fatores como principais responsáveis pelas correlações encontradas, sendo que, na realidade, as cargas do fator I já respondiam, em grande parte, por estas correlações.

IV — Resultados

Na tabela I estão apresentadas as cargas do fator I para cada variável (ou sujeito).

TABELA I

Variável	Fator I
1	0,61
2	0,73
3	0,68
4	0,73
5	0,77
6	0,71
7	0,68
8	0,86
9	0,89
10	0,84
11	0,88
12	0,73
13	0,69

Neste trabalho, a análise será limitada ao fator I.

Examinando-se as cargas de cada variável foi possível organizá-las em três grupos (A, B e C), segundo a proximidade de seus valores.

O grupo A reúne os indivíduos de cargas mais altas e que poderiam ser considerados como um grupo típico do conjunto: 8, 9, 10, 11.

O grupo B reúne indivíduos de cargas intermediárias: 2, 3, 4, 5, 6, 7, 12, 13.

O grupo C é formado pelo indivíduo 1, cuja carga fatorial é a mais baixa.

Para a análise foram utilizadas as afirmações classificadas nas posições extremas (0, 1, 2 — 8, 9, 10) e na posição central (5) por estes diferentes conjuntos de indivíduos.

Os três grupos consideraram como mais adequados à função de AP os comportamentos relacionados diretamente à unidade do trabalho educacional e em particular aqueles que visavam à adequação dos objetivos específicos de cada área aos objetivos gerais da escola.

Neste contexto, o grupo A enfatizou aspectos relacionados ao contato sistemático com o professor (reuniões, contato individual), ao acompanhamento do trabalho realizado na

sala de aula, à definição de aspectos relevantes para o planejamento de currículo.

O grupo B focalizou também estes aspectos (exceto o acompanhamento do trabalho de classe) e outros tais como: levantamento para planejamento de currículo e documentação de experiências e estudos realizados na escola.

Já o grupo C enfatizou alguns aspectos que diferem dos anteriores como: elaboração de instrumentos para o professor usar (roteiros, gráficos), documentação pedagógica do aluno, proposição de inovações na área de avaliação e coordenação do contato com pais, em reuniões.

Deste modo o elemento típico do grupo A parece ser a preocupação com os aspectos relacionais que implica o trabalho deles com o técnico. Já o grupo B centraliza-se nos aspectos formais de planejamento e documentação e o grupo C nos aspectos de receber instrumentação de trabalho evidenciando uma dependência, neste sentido, em relação ao técnico e uma preocupação de receber a solução pronta.

Além disso, os três grupos caracterizaram o AP como o elemento que estimula o professor a refletir sobre seu trabalho. Nesta perspectiva, os grupos A e B apontaram a necessidade de serem utilizados os dados de avaliação do aluno e do próprio trabalho do professor.

As diferenças mais nítidas entre grupos localizaram-se na posição central da distribuição, sendo que o grupo B apresentou menos consistência que o grupo A. No centro de distribuição foram colocadas as afirmações que os sujeitos não conseguiram classificar como adequadas ou inadequadas.

A única classificação comum aos três grupos se refere ao papel do AP como fonte de informação (através de documentos, grupos de estudo).

Os grupos A e B enfatizaram aspectos relativos a atendimento especial para professores que possuem alunos com problemas de

conduta e à definição, por parte do AP, de níveis de decisão entre ele e os professores.

O grupo A, além disso, classificou nesta posição o papel de elaborador de instrumentos para uso do professor (altamente valorizada pelo grupo C) e sua atitude de dependência do professor, ao tomar decisões.

Os grupos B e C enfatizaram aspectos concernentes ao papel de relações públicas sendo que o grupo B também apontou atitudes "diretivas" em relação à atuação do professor em sala de aula, colaboração na definição de critérios para composição de classes e preocupação com problemas de relacionamento entre professores (classificado como menos adequado pelo grupo C).

O grupo C, por sua vez, salientou aspectos relativos a atendimento especial aos alunos com problemas de conduta e relacionamento, documentação da escola (altamente valorizada pelo grupo B), atitude de permanente segurança e preocupação com o aprimoramento da atuação do professor em sala de aula.

A classificação na extremidade mais baixa de distribuição também revelou algumas diferenças. Os três grupos classificaram como menos adequados à função de AP comportamentos associados ao papel do assistente social na escola, à atitude de "comprar" a colaboração de professores ou a atitudes claramente "diretivas" como elaborar um planejamento único para os professores executarem (enquadrar o professor num modelo de bom professor etc.).

Os grupos A e B classificaram como menos adequados aspectos relacionados à coordenação de campanhas, à elaboração de horário escolar e à atitude de permanente segurança.

Os grupos A e C apontaram como pouco adequados à função do Assistente Pedagógico comportamentos que evidenciavam uma preo-

cupação direta com problemas de relacionamento entre professores (classificado como neutro pelo grupo B).

Os grupos B e C classificaram aqui aspectos que envolvem um contato mais direto com o aluno, como organização de equipes de trabalho em classe ou assumir "casos problemas" para não sobrecarregar o professor.

Além dessas classificações comuns apareceram como menos adequadas algumas afirmações particulares a cada grupo. O grupo A classificou comportamentos relativos a atividades de relações públicas, à atitude de dependência do diretor, na tomada de decisões. O grupo B apontou comportamentos relacionados à organização de jornal, mural, recursos áudio-visuais.

Após esta análise, foram calculados os "arranjos fatoriais", relativos ao fator I.

Foi determinado um peso para cada variável a partir da seguinte fórmula (1):

$$\frac{wp}{wq} = \frac{r_{pa} (1 - r_{qa}^2)}{r_{qa} (1 - r_{pa}^2)}$$

onde:

r_{pa} = carga fatorial do indivíduo p no fator a.

r_{qa} = carga fatorial do indivíduo q no fator a.

q = indivíduo com a carga fatorial mais baixa no fator a.

Em seguida, foram estimados os escores fatoriais para cada afirmação e que são apresentados na tabela II.

(1) Stephenson, W. — The Study of Behavior
Q — Technique and Its Methodology
The University of Chicago Press — Chicago e
Londres — 1953, pág. 176.

TABELA II
FATOR I

N.º da Afirmação	Escores Fatoriais	N.º da Afirmação	Escores Fatoriais	N.º da Afirmação	Escores Fatoriais	N.º da Afirmação	Escores Fatoriais	N.º da Afirmação	Escores Fatoriais
11	23,5	39	93,8	72	133,9	27	164,1	44	187,7
30	43,3	84	94,0	71	140,9	62	166,5	70	199,2
25	48,2	46	95,6	37	141,0	56	169,2	74	205,9
66	50,4	28	95,7	19	141,3	54	169,3	55	214,2
36	63,0	40	98,2	73	142,0	80	169,3	08	225,1
18	70,3	16	102,8	77	147,4	67	169,4	59	227,5
15	74,6	07	105,7	69	147,9	63	170,8	09	232,2
83	76,4	57	106,7	35	150,2	32	173,5	76	241,5
61	77,8	82	111,2	24	151,7	49	174,2	23	245,0
58	78,8	52	112,4	86	156,2	75	174,7	26	247,2
14	81,8	89	118,2	87	156,2	53	175,9		
31	89,3	79	121,3	48	156,3	21	181,1		
38	90,1	47	124,6	81	156,7	29	184,3		
42	90,7	10	130,2	85	157,2	34	185,9		
22	91,1	13	133,7	45	161,2	43	186,7		

Este procedimento permite visualizar um "arranjo-padrão" de classificação, no conjunto destes indivíduos, em relação ao fator considerado (no caso, fator I).

Foram definidas como objeto de análise as 20 afirmações mais extremas (positivas e negativas).

Pela análise destes itens foi possível observar que, para este grupo de professores, o AP é percebido como o elemento que vai dar unidade ao trabalho educacional da escola, criando condições para que haja uma integração das diferentes áreas ou matérias, utilizando-se, para isto, de vários meios: auxiliando o professor e outros elementos da escola na definição dos aspectos relevantes para o planejamento de currículo, discutindo e verificando a adequação de objetivos específicos da área aos objetivos gerais da escola, seja em reuniões de equipe ou em contatos individuais e acompanhando de perto o trabalho do professor, através da observação de aulas.

Além disso, é ele quem vai estimular o professor a refletir, tanto sobre aspectos mais globais do trabalho escolar como também sobre sua atuação na sala de aula, lançando

mão, para isto, de dados de avaliação do aluno e do próprio trabalho do professor.

Os professores deste grupo esperam do AP uma atitude menos diretiva, de incentivo, colaboração e coordenação.

Por outro lado, é esperado que o AP não exerça atividades que poderiam ser consideradas como mais pertinentes à função do assistente social na escola, ou se ocupe com a coordenação de campanhas, elaboração de horário, jornal, mural, etc. Além disso, algumas atitudes são consideradas inadequadas, tais como: demonstrar permanente segurança, preocupação direta com problemas de relacionamento entre professores, tentando resolvê-los através de uma atuação não profissional ou tentar "comprar" a colaboração dos professores.

A análise apresentada neste trabalho não esgotou as informações que poderiam ser obtidas a partir desses dados.

Seria possível ainda estudar os fatores II e III além de investigar a percepção que o AP desta escola tem de sua função, verificando, posteriormente, a existência ou não de consistência entre a sua percepção e a dos professores.